

Competências Socioculturais na Adaptação dos Portugueses Residentes no México

Charles Da Silva Rodrigues¹

Universidad de Guanajuato
charles.rodrigues@ugto.mx
México

Paula Carvalho de Figueiredo²

Universidad de Guanajuato
paulafigueiredo@campus.ul.pt
México

Maria Natália Pereira Ramos³

Universidade Aberta
maria.ramos@uab.pt
Portugal

Sociocultural Skills in the Adaptation of Portuguese Residents in Mexico.

Recibido: 4 de enero de 2023

Aceptado: 3 de febrero de 2023

Resumo

1) Investigador Colaborador del Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais / UAb; Integrante del SNI-CONAHCyT; ORCID: 0000-0002-3545-610X.

2) Investigadora Colaboradora del Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais / UAb Integrante del SNI- CONAHCyT; ORCID: 0000-0001-8742-2780.

3) Coordinadora y Investigadora del Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais/UAb; ORCID: 0000-0002-8448-1846.

Os estudos sobre o processo de aculturação de comunidades migrantes são cada vez mais relevantes, considerando que permitem entender as experiências que resultam da convivência entre indivíduos (ou grupos) e o desenvolvimento de sociedades interculturais. O objetivo deste trabalho foi indagar sobre as competências socioculturais na adaptação de emigrantes portugueses residentes no México. Quanto ao método, esta foi uma investigação transversal e exploratória, com um enfoque quantitativo, com 81 participantes selecionados por conveniência; cuja avaliação foi realizada

através da Escala de Adaptação Sociocultural (*SCAS, Sociocultural Adaptation Scale*), um questionário com variáveis sociodemográficas e situacionais migratórias e a escala de proficiência linguística. Dos resultados significativos destaca-se a variável situacional migratória, experiências transculturais anteriores, que contribui para uma melhor adaptação, nos âmbitos da comunicação interpessoal e do envolvimento comunitário; corroborando que os portugueses apresentam competências socioculturais que lhes facilita o envolvimento com os indivíduos da cultura de acolhimento e, assim, estabelecer relações sociais bem-sucedidas.

Palavras-chave

Competências socioculturais, Adaptação, Migração, Interculturalidade, emigrantes portugueses.

Abstract

Studies on the acculturation process of migrant communities are increasingly relevant, considering they allow to understand the experiences that result from the coexistence between individuals (or groups) and the development of intercultural societies. The aim of this work was to investigate sociocultural competencies in the adaptation of Portuguese emigrants living in Mexico. This research was cross-sectional exploratory, with a quantitative approach; 81 participants selected by convenience; evaluated using the Sociocultural Adaptation Scale (SCAS), a questionnaire with sociodemographic and migratory situational factors, and the language proficiency scale. The migratory situational factor, previous cross-cultural experiences, contributes to a better adaptation, in the areas of interpersonal communication and community involvement; supporting that the Portuguese have sociocultural competencies that facilitated their involvement with individuals from the host culture and, therefore, establish successful social relationships.

Key Words

Sociocultural competencies, Adaptation, Migration, Interculturality, Portuguese emigrants.

Introdução

No mundo aberto e global atual, as migrações têm-se intensificado e diversificado, sobretudo nas últimas décadas, contribuindo não só para o aumento do número de migrantes e de refugiados nos diversos continentes, da diversidade cultural e da interculturalidade, mas também para o desenvolvimento e complexidade das relações interpessoais, comunicacionais e interculturais. Esta situação vem levantar desafios e questões aos migrantes ao nível da adaptação e das competências socioculturais.

Segundo dados da Organização Internacional para as Migrações (OIM), em 2020, existiam 281 milhões de indivíduos, ou seja, 3,6% da população mundial, a residir fora do seu país de origem, o que representa um aumento importante desta mobilidade internacional comparativamente a 2000, período em que representavam 173 milhões, isto é, 2,8% da população mundial. Estes emigrantes internacionais concentram-se essencialmente nas faixas etárias ativas, 73% situando-se entre os 20 e os 64 anos de idade, constatando-se igualmente que, entre os migrantes internacionais, cerca de metade são mulheres (47,9 %) (OIM, 2020) sendo a feminização das dos fluxos uma das características das migrações contemporâneas (Ramos, 2020, 2021).

Os emigrantes portugueses fazem parte desta mobilidade internacional. Segundo as Nações Unidas, Portugal era, em 2019, o 26º país do mundo com mais emigrantes dispersos pelo mundo, as estimativas deste organismo indicam que viviam na Europa nesse ano 57% dos portugueses emigrados, sendo Portugal o país da União Europeia com mais migrantes em percentagem da população (25,7%). A França continua a ser o país do mundo com maior número de portugueses emigrados, devido à grande vaga de emigração dos anos 60/70 do século passado, atingindo o número de 587.300 em 2020. Neste ano, a Suíça permaneceu o segundo país do mundo onde residem mais emigrantes portugueses (210.731). Nos países onde residem mais de cem mil emigrantes portugueses em 2020, registava-se o Reino Unido (165 mil), os Estados Unidos (157 mil), o Canadá (143 mil em 2016), o Brasil (138 mil em 2010) e a Alemanha (114 mil), segundo o relatório estatístico do Observatório da Emigração (Pires, Azevedo, Vidiagal, & Veiga, 2020). De acordo com a informação facilitada pela Embaixada de Portugal no México, em 2021, encontravam-se

inscritos 3.243 indivíduos com nacionalidade portuguesa, contudo, apenas 1.857 tinham nascido em Portugal.

A interculturalidade é o resultado do contato dinâmico entre culturas, da permanente relação de comunicação e aprendizagem entre diferentes grupos étnicos-culturais e diferentes nacionalidades. A noção de competência não é consensual entre os autores da especialidade: para uns esta centra-se em ações e desempenho, como tal, exclui o domínio cognitivo; outros referem que a compreensão e o conhecimento são intrínsecos. Neste sentido, a noção de competência deve ter em conta a pluralidade semântica, considerando a variedade conceptual — compreensão, desenvolvimento relacional, satisfação, eficácia, adequação e adaptação — na aceção de um “set of abilities or skills” (Spitzberg & Changnon, 2009: p.6).

A competência intercultural refere-se à capacidade que os indivíduos desenvolvem para interagir eficazmente com pessoas de culturas distintas, através de habilidades, atitudes, conhecimentos e comportamentos⁴. Este conceito generalizou-se durante a década de 1950, e tem sido explorado, desde então, por vários autores no âmbito teórico, com o desenvolvimento de diversos modelos. Enquanto, o termo competência de comunicação intercultural foi introduzido a partir da década de 1990, para especificar o papel da aprendizagem e da proficiência de uma língua estrangeira no desenvolvimento das competências interculturais dos indivíduos (Byram, 1997, 2009; Byram & Guilherme, 2010; Deardorf, 2006; Guilherme, 2000; Spitzberg & Changnon, 2009).

O constructo teórico de competência intercultural tem sido examinado dentro e além-fronteiras, em relação ao processo de transição e adaptação das comunidades de migrantes, e no âmbito das relações interculturais. Na teoria de aculturação a competência intercultural consubstancia-se na capacidade que os indivíduos têm para viver, comunicar e perdurar e prosperar em um novo ambiente cultural (Furnham & Bochner, 1986; Ward, 1996; Ramos, 2012, 2013, 2020). Já desde a teoria da aprendizagem da cultura encontra-se a ideia de que a competência intercultural é específica e necessária para adaptação a um novo meio cultural e pode ser adquirida através do processo de aprendizagem (Wilson, Ward, & Fischer, 2013).

4) De acordo com Guilherme (2000: 297): “Intercultural competence is the ability to interact effectively with people from cultures that we recognize as being different from our own”.

Segundo o quadro de referência da aprendizagem cultural de Ward & Kennedy (1999) para entender o processo de transição transcultural, a competência intercultural é o principal indicador da adaptação sociocultural; visto que revela a capacidade do indivíduo em compreender, comunicar e negociar com êxito regras, comportamentos e atividades quotidianas num novo contexto cultural (Searle & Ward, 1990; Ward & Kennedy, 1994, 1999; Ramos, 2013).

Modelo de adaptação

Da interação cultural surgem mudanças no indivíduo, o qual está inserido num contexto cultural diferente do seu e do qual recebe influências, que facilitam adaptar-se e integrar-se a um novo universo cultural. A adaptação no âmbito das competências verifica-se em diferentes níveis — cognitivo, comportamental e afetivo. De facto, as teorias e os modelos, utilizam competência como sinónimo de assimilação e adaptação. No entanto, o primeiro alude à apropriação de um dado contexto cultural, tanto ao nível cognitivo, como comportamental, moldando-se o indivíduo à cultura de acolhimento; enquanto, o segundo, comum à maioria das teorias, refere-se ao domínio de habilidades que se colocam em prática numa situação específica (Spitzberg & Changnon, 2009).

Não obstante, a adaptabilidade pode ser percebida como competência em determinadas circunstâncias culturais, mas não em outras. Tanto que a adaptação se pode dar em dois contextos: ao nível micro está associada com as relações de interdependência entre indivíduos e mudanças de comportamento; ao nível macro refere-se a noções de assimilação e ajustes de comportamentos. Assim, tem-se verificado um difícil consenso de conceptualização do termo competência como adaptação, devido à dificuldade em medir e avaliar os respetivos critérios (Sequeira, 2012; Spitzberg & Changnon, 2009; Spitzberg & Cupach, 2002).

Os modelos de adaptação também podem provocar uma certa tensão entre grupos distintos devido ao processo de aculturação. Uma primeira definição de aculturação referia-se ao conjunto das alterações culturais, como resultado do contacto contínuo entre

diferentes grupos (Graves, 1967). Posteriormente, assumiu uma perspectiva mais psicológica, considerando que se refere às mudanças culturais e psicológicas, que os indivíduos experienciam quando ocorre o contacto com indivíduos de diversas origens culturais (Berry, 1999, 2006). Na atualidade, verificam-se outras categorias, que acentuam a adaptação intercultural como a capacidade que os indivíduos têm em estabelecer relações interculturais harmoniosas, com baixos níveis de preconceito e discriminação (Berry, 2017; Ward, 1996; Ward & Kennedy, 1999; Wilson, Ward, & Fischer, 2013; Ramos, 2013, 2020).

Segundo o modelo de Berry (2003) a forma como o indivíduo (ou o grupo) tenta relacionar-se com a cultura dominante, denomina-se como estratégias de aculturação. Que se podem representar por quatro processos: a assimilação que se apresenta quando o indivíduo adota os traços de identidade da cultura de acolhimento, com o abandono da sua identidade de origem; a integração que permite aos grupos multiculturais interagir em dado contexto, mantendo a sua identidade cultural; a segregação ou separação quando o indivíduo ou grupo tenta manter a sua própria identidade cultural, sem procurar estabelecer relações com membros de outros grupos culturais, por exemplo da comunidade e cultura dominante; e a marginalização quando o grupo cultural dominante devido a práticas discriminatórias impede o indivíduo ou grupo minoritário de participar no funcionamento das instituições e na vida social do grupo maioritário (Berry, 2017; Berry, Kim, Power, Young, & Bujaki, 1989; Ramos, 2008a, 2008b).

Neste contexto, a competência intercultural é o resultado da aculturação, para a qual tem sido utilizado diversos indicadores para avaliar a adaptação. Primeiramente, foram identificadas duas categorias: a adaptação psicológica (emocional e afetiva) a qual se refere ao bem-estar psicológico; e a adaptação sociocultural (comportamento) que está relacionada com a capacidade de adaptação, em adquirir e manter competências culturais específicas e necessárias para interagir de forma eficaz dentro de um novo contexto cultural. Isto porque a capacidade de aprendizagem de cada indivíduo permite-lhe adquirir competências adequadas para estabelecer relações sociais que produzam resultados bem-sucedidos (ou seja, o saber fazer bem) (Berry, 2017; Berry, Phinney, Sam, & Vedder, 2006; Ward & Kennedy, 1999).

Deste modo, a adaptação sociocultural refere-se às competências comportamentais cujos antecedentes se centram em variáveis situacionais relacionadas com o processo de aprendizagem. Estas incluem experiências e práticas dos indivíduos e são operacionalizadas em termos de: duração da permanência, experiência transcultural anterior e formação transcultural (quanto mais tempo for a estadia, mais experiências e formação, maior é a relação positiva na adaptação sociocultural). Assim, a aprendizagem tem sido um conceito relevante para explicar a influência da distância cultural (as diferenças percebidas e reais entre a cultura de origem e a cultura de contato) na aquisição de competências adequadas (Berry, 2003; Ward & Kennedy, 1999; Wilson, Ward, & Fischer, 2013).

Sendo a aprendizagem cultural essencialmente social, também, se destaca a importância que as interações interculturais desempenham no processo de adaptação sociocultural. Neste contexto, a proficiência linguística e as competências de comunicação são fatores que facilitam essa convivência, podendo contribuir para uma adaptação sociocultural mais ampla (Masgoret & Ward, 2006; Ramos, 2012, 2013). Embora a relação entre a fluência da língua do país de acolhimento e uma maior participação nessa comunidade seja recíproca (Clément, Noels, & Deneault, 2001). Uma comunicação adequada é importante para a eficácia das competências interculturais (Gudykunst & Hammer, 1988; Ramos, 2001). Assim a proficiência na língua do país de acolhimento é um recurso importante, uma vez que permitem estabelecer uma comunidade de significados e sentidos; além, do desenvolvimento de uma consciência linguística e, em simultâneo, de uma consciência cultural, com o objetivo de adquirir uma capacidade para avaliar criticamente (Byram, 1997, 2008; Boye & Byram, 2017). A comunicação é o cerne das relações sociais, que permite repensar a interação entre os indivíduos e a sociedade, entre sociedades e a cultura, possibilitando diminuir as diferenças geradas (Ramos, 2001). A língua e a cultura têm uma relação intrínseca entre si, onde a língua expressa os conhecimentos e as práticas culturais, comunica toda a dimensão cultural de uma sociedade (Sequeira, 2012).

O construto teórico desenvolvido por Ward & Kennedy (1999) permite avaliar as competências necessárias para o quoti-

diano e deu origem a uma escala com base empírica fiável, válida e versátil para o estudo das relações interculturais; posteriormente, foi validada para a investigação sobre a aquisição de competências socioculturais (Searle & Ward, 1990; Ward & Kennedy, 1999). No geral, os resultados permitiram verificar que as dificuldades de adaptação sociocultural são maiores no início do contato com uma nova cultura e vão diminuindo ao longo do tempo; que os indivíduos em situação de estadia experimentam maiores problemas de adaptação sociocultural em novos ambientes culturais, em comparação com os que constituem um lar; além do conhecimento sobre a relação significativa entre adaptação sociocultural e o bem-estar psicológico nas comunidades migrantes. Contudo, o ajustamento psicológico e sociocultural está inter-relacionado, podendo apresentar variações ao longo do tempo, considerando que a adaptação psicológica é influenciada pela personalidade, mudança de vida ou o contato com nacionais (apoio social) (Berry, 2003, 2017; Ward & Kennedy, 1999; Wilson, Ward, & Fischer, 2013).

Importa, assim, ter em conta as características sociodemográficas para compreender os resultados da aculturação, embora a evidência empírica revele que estes nem sempre são lineares (Ward, Bochner, & Furnham, 2001). Na maioria das investigações não tem sido possível estabelecer uma relação significativa entre a idade e a competência intercultural, para se poder afirmar que as pessoas mais jovens têm mais capacidade para se adaptarem (Zlobina, Basabe, Paez & Furnham, 2006) apesar dos resultados apresentados na meta-análise, com mais de 66 trabalhos, onde se verificou uma significância estatística (baixa) (Wilson, Ward, & Fischer, 2013). Da mesma forma, que existem estudos em que as mulheres exibem mais dificuldades em se adaptar e os homens revelam-se mais resilientes (Wang, 2009); e outros ainda mencionam que a variável sexo não está relacionada com a competência intercultural (Zlobina, Basabe, Paez & Furnham, 2006).

Por estes motivos os estudos sobre a aculturação e processos de adaptação de comunidades migrantes são cada vez mais relevantes, considerando a pertinência para entender as experiências que resultam da convivência entre indivíduos (ou grupos) culturalmente diferentes e o desenvolvimento de sociedades interculturais. Assim, o objetivo desta investigação foi indagar sobre as competências socioculturais na adaptação de emigrantes portugueses residentes no México.

Método

Este foi um estudo transversal e exploratório, com uma abordagem quantitativa, para conhecer as competências socioculturais na adaptação sociocultural de emigrantes portugueses residentes no México. O estudo incluiu 81 participantes, todos com nacionalidade portuguesa, 24 mulheres (29.63%) com uma média de idade 42.50, a mais jovem tinha 21 anos e a mais velha com 65 anos; e 57 homens (70.37%) com uma média de idades 45.09, o mais jovem com 27 anos e o mais velho com 79 anos. A mostra foi selecionada por conveniência, teve como critérios de inclusão ter nascido em Portugal e vivido no México há mais de 12 meses e como critério de exclusão nunca ter vivido em Portugal.

Os instrumentos utilizados foram: o questionário de dados sociodemográficos com as variáveis: idade, sexo, nível de escolaridade, profissão, estado civil e nacionalidade do conjugue; e as variáveis situacionais migratórias: número de anos que vive no México; se viveu em outro país e qual. Para medir a competência sociocultural foi utilizada a Escala de Adaptação Sociocultural, (*SCAS, Sociocultural Adaptation Scale*), com vinte itens sobre situações sociais experimentadas na sociedade de acolhimento para medir três dimensões: diligências públicas, envolvimento comunitário e comunicação interpessoal, onde os participantes indicaram o grau de dificuldade (que varia de 1 “sem dificuldade” até 5 “extremamente difícil”) e as pontuações mais elevadas indicam um grau de dificuldade mais elevado de adaptação sociocultural; com um *alfa de Cronbach* de 0.885 (Ward & Kennedy, 1999). Também, se utilizou a escala de autoavaliação de proficiência linguística, constituída por quatro itens: falar, ler, escrever e compreender a língua espanhola; e quatro itens para a língua portuguesa. A título de exemplo: “Você fala bem a língua espanhola?” com opções de resposta que variam 1 para “nada” e 5 para “muito bem”; com um *alfa de Cronbach* de 0.796 (Berry, Phinney, Sam, & Vedder, 2006). O questionário foi elaborado em *google forms* e enviado através das redes sociais, grupos de *whatsApp* e *newsletter* da Embaixada de Portugal no México. Todos os participantes tiveram conhecimento do objetivo da investigação, tendo anuído ao respetivo consentimento informado, sendo os dados confidenciais e exclusivos para o objetivo desta investigação.

Resultados

Os dados foram analisados através do software *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), na sua versão 25 para Windows 10. A prova estatística utilizada foi a ANOVA para grupos independentes com um nível de confiança de 95%, para a Escala de Adaptação Sociocultural (dimensões diligências públicas, comunicação interpessoal e envolvimento comunitário) e de proficiência linguística (português e espanhol) em função das variáveis sociodemográficas: idade, sexo, escolaridade, trabalho e estado civil; e das variáveis situacionais: anos vividos em México e experiências transculturais anteriores

Quanto aos resultados sociodemográficos, para a variável nível de escolaridade, 10 participantes (12.35%) tinham o 3º ciclo do ensino básico, que corresponde até ao 9º ano; 8 (9.87%) tinham o ensino secundário, isto é, o 12º ano completo; 33 (40.74%) tinham licenciatura; e 30 (37.04%) tinham estudos de pós-graduação (mestrado e doutoramento). No que diz respeito à profissão 36 (44.44%) correspondiam a mão de obra especializada, nomeadamente advogados, médicos, professores e gestores. Quanto ao trabalho não especializado: 16 (19.75%) eram administrativos; 15 (18.52%) empresários; 11 (13.59%) não exerciam uma atividade remunerada; 2 (2.46%) eram técnicos; e 1 (1.24%) tinha outro tipo de trabalho. No que concerne ao estado civil, 54 (66.67%) eram casados; 10 (12.35%) solteiros, 8 (9.87%) viviam em união de facto; 5 (6.17%) divorciados; 3 (3.70%) estavam em um relacionamento; e 1 (1.24%) era viúvo. Dos indivíduos casados 40 (49.38%) tinham contraído matrimónio com nacionais mexicanos.

No que diz respeito às variáveis situacionais e migratórias, o tempo médio vivido no México foi de 13.6 anos, o participante com menos tempo vivido no México tinha um ano e com mais tempo tinha 57 anos. No que concerne às experiências transculturais anteriores, 58 (71.6%) dos participantes já tinham vivido em um outro país; dos quais, 25 (43.1%) tinham vivido em mais de um país; e 25 (43.1%) tinham vivido em algum país hispano falante.

Para a Escala de Adaptação Sociocultural encontraram-se diferenças estatisticamente significativas para a variável sexo ($F=11.243$, $p= 0.001$) na subescala de envolvimento comunitário.

rio. Na variável situacional, experiências transculturais anteriores verificaram-se diferenças estatisticamente significativas ($F=3.431$, $p=0.049$) na subescala de comunicação interpessoal e ($F=7.145$, $p=0.001$) na subescala de envolvimento comunitário (Tabela 1).

Tabela 1. Competências de adaptação sociocultural em função das variáveis sociodemográficas e situacionais, ANOVA

	Diligências públicas				Comunicação interpessoal				Envolvimento comunitário			
	M	DP	F	Sig.	M	DP	F	Sig.	M	DP	F	Sig.
Idade												
20-40	12.88	4.20	0.181	0.835	7.60	4.21	0.428	0.653	14.68	6.28	2.335	0.104
41-60	12.26	4.68		0.995	7.18	3.64		0.835	12.20	3.79		0.998
61-80	12.00	5.44		0.859	8.67	4.68		0.908	12.33	4.68		0.556
Sexo												
Homen	11.89	4.50	2.753	0.101	7.05	3.88	1.748	0.19	11.88	4.40	11.24	0.001
Mulher	13.71	4.48		0.101	8.29	3.77		0.19	15.58	4.88		0.001
Escolaridade												
Até ao 9º ano	10.11	3.69	1.144	0.337	7.00	3.87	0.078	0.972	10.89	3.10	0.778	0.51
Com 12º ano	13.88	4.09		0.479	7.13	2.90		0.982	13.38	4.00		0.999
Licenciatura	12.36	4.70		0.886	7.61	4.56		0.987	12.86	5.31		0.993
Pós-graduação	12.86	4.63		0.957	7.39	3.27		0.999	13.68	4.83		0.993
Trabalho												
Especializado	13.00	4.86	1.441	0.234	7.77	3.90	0.738	0.393	13.28	4.50	0.360	0.550
Outros	11.79	4.12		0.234	7.03	3.85		0.393	12.63	5.21		0.550
Estado civil												
Casado	13.07	4.45	1.999	0.121	7.72	4.38	0.408	0.748	13.22	5.00	0.759	0.521
Solteiro	12.80	4.10		0.918	7.30	2.75		0.97	12.90	3.98		0.866
Div./Viúvo	11.17	3.37		0.804	6.67	1.86		1	14.33	6.65		0.63
União facto	9.64	5.24		0.152	6.45	2.77		0.811	11.09	3.48		0.624
Anos vividos no México												
1-20	12.65	4.54	1.543	0.22	7.68	4.06	0.706	0.447	13.35	5.07	1.021	0.365
20-40	12.69	4.70		1	6.31	2.78		0.944	12.08	4.09		0.689
41-60	9.00	3.32		0.304	7.00	3.94		0.931	10.60	2.19		0.475
Experiências transculturais anteriores												
Países hispano	13.00	4.72	3.286	0.511	7.77	4.24	3.431	0.049	13.84	5.31	7.145	0.001
Outros	11.00	3.77		0.511	6.17	2.37		0.049	10.78	2.13		0.001

M=média; DP=desvio padrão; F= valor da prova; Sig. = significância. Valores significativos $p>0.01$.

Fonte: self-made.

No que diz respeito à escala de proficiência linguística encontraram-se diferenças estatísticas significativas ($F= 3.475, p=0.02$) na língua espanhola para a variável escolaridade, nos grupos até ao 9º ano e para o grupo licenciatura ($F= 3.475, p=0.02$). Para a subescala de proficiência linguística na língua portuguesa verificaram-se diferenças estatísticas significativas ($F= 5.49, p= 0.022$) para a variável trabalho, tanto especializado como não especializado. Além das significâncias apresentadas para a variável situacional, anos vividos no México, no grupo de 1 a 20 anos ($F=7.61, p=0.001$) e no grupo de 21 a 40 anos ($F=7.61, p=0.003$) (Tabela 2).

Tabela 2. Proficiência Linguística em função das variáveis sociodemográficas e situacionais, ANOVA

	Proficiência linguística – português				Proficiência linguística – espanhol			
	M	DP	F	Sig.	M	DP	F	Sig.
Idade								
20-40	16.68	1.49	0.293	0.747	16.36	2.77	1.704	0.189
41-60	16.39	2.08		0.82	17.02	2.02		0.224
61-80	16.83	1.60		0.862	18.17	2.04		0.509
Sexo								
Homen	16.50	2.07	1.709	0.195	16.81	2.44	0.056	0.813
Mulher	16.54	1.32		0.195	17.13	1.94		0.813
Escolaridade								
Até ao 9º ano	16.56	2.40	0.916	0.437	14.78	4.38	3.475	0.02
Com 12º ano	15.75	3.06		0.537	17.00	1.51		0.236
Licenciatura	16.83	1.96		0.984	17.42	1.98		0.02
Pós-graduação	16.30	0.87		0.913	16.89	1.55		0.106
Trabalho								
Especializado	16.44	1.40	5.49	0.022	16.98	1.82	3.156	0.08
Outros	16.59	2.31		0.022	16.82	2.76		0.08
Estado civil								
Casado	16.72	1.70	1.174	0.325	17.15	2.04	2.49	0.066
Solteiro	16.00	0.47		0.998	15.10	3.45		0.077
Div./Viúvo	16.83	1.60		0.709	17.33	2.07		0.297
União facto	15.70	3.27		0.473	17.09	1.87		0.253
Anos vividos no México								
1-20	16.68	1.62	7.61	0.001	16.70	2.38	1.111	0.334
20-40	16.85	1.57		0.003	17.62	1.80		1
41-60	13.60	3.21		0.95	17.60	2.19		0.7
Experiências transculturais anteriores								
Países hispano	16.35	1.94	1.492	0.226	16.90	2.40	0.001	0.977
Outros	16.91	1.65		0.226	16.91	2.04		0.977

M=média; DP=desvio padrão; F = valor da prova; Sig. = significância. Valores significativos $p>0.01$.

Fonte: self-made.

Discussão

Este estudo procurou analisar as competências de adaptação sociocultural de emigrantes portugueses que residem no México, para entender a sua interação ao nível do comportamento, uma vez que a aquisição e manutenção de competências interculturais são fundamentais para interagir de forma eficaz em um novo contexto cultural (Berry, 2003, 2017; Ward & Kennedy, 1999). Para isto realizou-se uma avaliação a partir da Escala de Adaptação Sociocultural procurando explorar a relação entre as características sociodemográficas, as variáveis situacionais e a proficiência linguística.

Em investigações prévias, maioritariamente, não se encontra relação com o sexo e as competências de adaptação socioculturais (Zlobina, Basabe, Paez & Furnham, 2006; Wilson, Ward, & Fischer, 2013); no entanto, a diferença significativa que se verifica entre a variável sexo e a subescala de envolvimento comunitário, permite afirmar que tanto homens como mulheres revelam um maior desenvolvimento de competências socioculturais neste âmbito: isto é, facilidade em comunicar com pessoas de outros grupos étnicos, em compreender as diferenças étnicas e expressar-se sobre si mesmo.

De acordo com a literatura as variáveis situacionais migratórias relacionadas com o processo de aprendizagem são operacionalizadas em termos de duração da permanência, verificando-se que quanto mais tempo for a estadia, mais experiências e conhecimento adquire o indivíduo, maior é a relação positiva com o desenvolvimento de competências socioculturais (Berry, 2003, 2017; Wilson, Ward, & Fischer, 2013). Contudo, o resultado desta investigação, para a variável anos vividos no México não apresenta significância estatística, apesar dos valores nas três dimensões indicarem que o grupo de 1 a 20 anos está mais próxima da significância. Este dado pode ser relevante para futuras investigações, de modo a contemplar um grupo que represente um tempo de estadia inferior a 5 anos.

Quanto à outra variável situacional migratória, que surge da aprendizagem cultural, as experiências transculturais anteriores, os resultados confirmam significância estatística nas dimensões comunicação interpessoal e envolvimento comunitário, tal como mencionado em trabalhos prévios (Wilson, Ward, & Fischer,

2013). O que destaca a importância de interações interculturais anteriores, uma vez que estas desempenham uma função facilitadora para a adaptação sociocultural e, como tal, para o desenvolvimento de competências interculturais; possibilitando, por um lado, estabelecer relações sociais bem-sucedidas e, por outro, o envolvimento com elementos da sociedade de acolhimento. Porém, esta variável não apresenta significância estatística para a dimensão diligências públicas, onde alguns portugueses mencionaram ligeira dificuldade na utilização dos transportes públicos e no tratamento de questões burocráticas e administrativas, o que demonstra que existem alguns obstáculos para lidar com estes factores externos (Berry, Phinney, Sam, & Vedder, 2006; Ramos, 2008a, 2008b).

Ainda na variável experiências transculturais anteriores procurou-se averiguar a variância desta, para o facto ter sido em um, ou mais de um país, hispano falante, em contraste com países não hispano falantes. Apesar de 25 dos participantes terem vivido anteriormente em países hispanos falantes, o resultado não se revela significativo. Assim, parece que o importante são as aprendizagens adquiridas ao longo das experiências transculturais anteriores e as competências interculturais desenvolvidas durante este processo; corroborando que estas permitem negociar com sucesso as relações e as atividades quotidianas em um novo contexto cultural (Berry, 2017; Searle & Ward, 1990; Ward & Kennedy, 1994, 1999).

No âmbito da adaptação sociocultural a proficiência linguística é um importante recurso no contato intercultural (Gudykunst & Hammer, 1988; Masgoret & Ward, 2006), no entanto, não é possível verificar relação estatística entre esta escala e a Escala de Adaptação Sociocultural. A significância estatística para a proficiência do espanhol relacionou-se com a variável escolaridade para o grupo até ao 9º ano e para o grupo com a licenciatura. Já no grupo com o 12º ano alguns portugueses revelaram ligeira dificuldade na escrita e para entender piadas e brincadeiras. Quanto à subescala de proficiência do português encontra-se duas diferenças estatisticamente significativas; uma, na variável trabalho, pelo que seria importante averiguar os vínculos profissionais que os portugueses mantêm com o país de origem, em futuras investigações; e a outra, com a variável de anos vividos no México, que

nos grupos de 1 a 20 anos e de 20 a 40 anos se revela significativa. Todavia, no grupo de 41 a 60 anos os portugueses manifestam ligeira dificuldade na escrita do português. O estado civil também não se revela significativo, mas dado que quase metade dos participantes (49.38%) estão casados com nacionais mexicanos, seria revelante em uma próxima investigação questionar sobre a predominância do idioma falado em contexto familiar.

Conclusões

No geral, os portugueses que vivem no México encontram-se adaptados ao contexto cultural, o que significa que dominam um mínimo de competências interculturais para estabelecer relações positivas nesta comunidade. No entanto, as significâncias estatísticas revelam que essas competências lhes permitem uma melhor adaptação. Os valores encontrados são consistentes com a maioria das investigações prévias. Isto verifica-se, principalmente, para a variável situacional de experiências transculturais anteriores, considerando-se que o desenvolvimento de competências interculturais no passado proporciona uma melhor adaptação socio-cultural; no caso dos portugueses que vivem no México, esta destaca-se nas dimensões comunicação interpessoal e envolvimento comunitário. A primeira revela que os indivíduos experimentam menos dificuldades para se fazerem entender, ir às compras ou assistir a reuniões sociais; e a segunda, que estas mesmas experiências também facilitam as relações com a comunidade, isto é, com um grupo étnico diferente e a adaptação ao ambiente (o clima ou o ritmo e estilo de vida). Quanto à proficiência linguística não foi possível verificar significâncias que arrojassem algum dado diferente ao que consta em investigações anteriores; contudo, parece pertinente entender a relação entre a proficiência linguística em português e a variável trabalho, procurando averiguar se os emigrantes portugueses mantêm um vínculo laboral com Portugal.

As competências interculturais têm-se revelado um indicador complexo, interativo e multidimensional da dinâmica migratória, assim como os resultados obtidos nem sempre são lineares. Ora, este facto deve impulsionar novas investigações, considerando: primeiro, que este foi um estudo exploratório para conhecer a comunidade de emigrantes portugueses que vivem no México; segundo, que nos temas de adaptação intercultural é pertinente avaliar outros fatores, como estratégias de aculturação, identidade cultural, percepção de discriminação e tolerância étnica.

Referências

- Berry, J.W. (2017). Introduction to Mutual Intercultural Relations. In John Berry (ed.), *Mutual Intercultural Relations* (pp. xxxiii – xxxiv). Cambridge University Press. DOI: <https://doi.org/10.1017/9781316875032.001>
- Berry, J. (2006). Stress perspectives on acculturation. In D. Sam e J. W. Berry (Eds.), *The Cambridge handbook of acculturation psychology* (pp. 43-57). Cambridge: Cambridge University Press.
- Berry, J.W. (2003). Conceptual Approaches to Acculturation. in Kevin M. Chun, Pamela Balls Organista, & Gerardo Marin (Eds.), *Acculturation. Advances in Theory, Measurement, and Applied Research* (pp. 17-38). Washington, D.C.: American Psychological Association. ISBN: 978-1-55798-920-8
- Berry, J.W. (1999). Acculturation et adaptation. In M. Hily & M. Lefebvre (Eds), *Identité collective et altérité. Diversité des espaces, spécificité des pratiques*. Paris: L'Harmattan.
- Berry, J.W., Kim, U., Power, S., Young, M., & Bujaki, M. (1989). Acculturation attitudes in plural societies. *Applied Psychology: An International Review*, 38(2), 185–206. doi: [10.1111/j.1464-0597.1989.tb01208.x](https://doi.org/10.1111/j.1464-0597.1989.tb01208.x)
- Berry, J. W., Phinney, J. S., Sam, D. L., & Vedder, P. (2006). *Immigrant youth in cultural transition: Acculturation, identity and adaptation across nations*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.
- Boye, S. & Byram, M. (2017). Language awareness and the acquisition of intercultural communicative competence. in J.M. Cots & P. Garrett (eds.), *The Routledge Handbook of Language Awareness* (pp. 435-449). London: Routledge.
- Byram, M. (2009). Intercultural Competence in Foreign Languages. The Intercultural Speaker and the Pedagogy of Foreign Language Education. in D. Deardorff (eds.), *The Sage Handbook of Intercultural Competence* (pp. 321-332). Sage Publications.
- Byram, M. (2008). *From foreign language education to education for intercultural citizenship*. Clevedon: Multilingual Matters.
- Byram, M. (1997). *Teaching and Assessing Intercultural Communication Competence*. New York: Multilingual Matters.

- Byram, M. & Guilherme, M (2010). Intercultural education and intercultural communication: tracing the relationship. in Y. Tsai & S. Houghton (eds.), *Becoming intercultural: inside and outside the classroom* (pp. 2-22). Newcastle/Tyne: Cambridge Scholars Publishing.
- Clément, R., Noels, K. A., & Deneault, B. (2001). Interethnic contact, identity, and psychological adjustment: The mediating and moderating roles of communication. *Journal of Social Issues*, 57(3), 559-579. doi: <https://doi.org/10.1111/0022-4537.00229>
- Deardorff, D. K. (2006). Identification and assessment of intercultural competence as a student outcome of internationalization. in *Journal of Studies in Intercultural Education*, 10, 241–266. <https://www.mccc.edu/~lyncha/documents/Deardorff-identificationandassessmentofinterculturalcompetenceasanoutcomeofInternationalizat.pdf>
- Furnham, A., & Bochner, S. (1986). *Culture shock: Psychological reactions to unfamiliar environments*. London, England: Methuen.
- Graves, T. (1967). Psychological acculturation in a tri-ethnic community. in *SouthWestern Journal of Anthropology*, 23(4), 337-350. <https://www.jstor.org/stable/3629450>
- Gudykunst, W. B., & Hammer, M. R. (1988). Strangers and hosts: An uncertainty reduction based theory of intercultural adaptation. In Y. Y. Kim & W. B. Gudykunst (Eds.), *Cross-cultural adaptation: Current approaches (International and Intercultural Communication Annual)*, (pp. 106-139). Sage. ISBN: 978-0803930377
- Guilherme, M. (2000). Intercultural Competence. in M. Byram (ed), *Routledge Encyclopedia of Language Teaching and Learning* (pp. 297–300). London: Routledge.
- Masgoret, A., & Ward, C. (2006). Culture learning approach to acculturation. in D. Sam & J. Berry (Eds.), *The Cambridge handbook of acculturation psychology* (pp. 58-77). Cambridge: Cambridge University Press. doi: [1017/CBO9780511489891.008](https://doi.org/10.1017/CBO9780511489891.008)
- Organização Internacional para as Migrações (2020). *État de la migration dans le monde 2020*. Genève: OIM.

- Pires, R.P., Azevedo, J., Vidigal, I., & Veiga, C.M. (2020). *Emigração Portuguesa 2020: Relatório Estatístico*. Observatório da Emigração e Rede Migra, CIES-IUL, ISCTE-IUL. doi: [10.15847/CIESOEMRE072020](https://doi.org/10.15847/CIESOEMRE072020)
- Ramos, N. (2021). Populações migrantes em tempos de pandemia da covid-19: desafios psicossociais, comunicacionais e de saúde. in M. Ennes, A. Goes & C. Meneses (Org.), *Migrações Internacionais sob Múltiplas Perspectivas* (pp. 153 –176). Aracaju: UFS, Criação Editora. ISBN: 978-65-88593-74-5. <http://hdl.handle.net/10400.2/11274>.
- Ramos, N. (2020). Desafios globais contemporâneos da comunicação e da saúde das populações migrantes e refugiados. in *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, ALAIC, USP, 19(35), 38-49. <http://hdl.handle.net/10400.2/10554>. <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/1760>
- Ramos, N. (2013). Interculturalidade(s) e Mobilidade(s) no espaço europeu: viver e comunicar entre culturas. in *The Overarching Issues of the European Space* (pp.343-360). Porto: Faculdade de Letras, Universidade do Porto. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12349.pdf>
- Ramos, N. (2012). Comunicação em Saúde e Interculturalidade – Perspectivas Teóricas, Metodológicas e Práticas. *RECIIS – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*. Rio de Janeiro, 6(4), 1-19. <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/742>
- Ramos, N. (2008a). Migração, Aculturação e Saúde. in N. Ramos (2008) (Org.), *Saúde, Migração e Interculturalidade* (pp. 45-96). João Pessoa: EDUFPB. <http://hdl.handle.net/10400.2/6831>
- Ramos, N. (2008b). A diversidade cultural na cidade: Problemas e Desafios. In L. Rubim e N. Miranda (Org.), *Transversalidades da Cultura* (pp. 133- 179). Salvador: EDUFBA. <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/140/4/Transversalidades%20da%20Cultura.pdf>
- Ramos, N. (2001). Comunicação, Cultura e Interculturalidade: para uma comunicação intercultural. in *Revista Portuguesa de*

Pedagogia, 35(2), 155-178. <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/5839/1/Ramos%20%282001%29.%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20cultura%20e%20interculturalidade.pdf>

- Searle, W., & Ward, C. (1990). The prediction of psychological and sociocultural adjustment during cross-cultural transitions. in *International Journal of Intercultural Relations*, 14(4), 449-464. doi: [10.1016/0147-1767\(90\)90030-Z](https://doi.org/10.1016/0147-1767(90)90030-Z)
- Sequeira, R. M. (2012). A comunicação intercultural é uma utopia? in P. Petrov, P. Q. Sousa, R.L-I. Samartim, E.J. Feijó (eds), *Avanços em literatura e cultura portuguesas século XX*. Vol. 3 (pp. 303-316). Santiago de Compostela: AIL e Através Editora.
- Spitzberg, B. H. & Changnon, G. (2009). Conceptualizing Intercultural Competence. in D. Deardorff (eds), *The Sage Handbook of Intercultural Competence* (pp. 2-52). Los Angeles/London/New Dehli/Singapore/Washington DC: Sage Publications.
- Spitzberg, B. H., & Cupach, W. R. (2002). Interpersonal skills. in M. L. Knapp & J. R. Daly (eds.), *Handbook of interpersonal communication* (3rd.ed.) (pp. 564–611). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Wang, J. (2009). A study of resiliency characteristics in the adjustment of international graduate students at American Universities. *Journal of Studies in International Education*, 13(1), 22- 45. doi: [10.1177/1028315307308139](https://doi.org/10.1177/1028315307308139)
- Ward, C. (1996). Acculturation. in D. Landis, & R. Bhagat (Eds.), *Handbook of intercultural training* (2nd ed.) (pp. 124-147). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Ward, C., Bochner, S., & Furnham, A. (2001). *The Psychology of Culture Shock*. Sussex: Routledge.
- Ward, C., & Kennedy, A. (1999). The measurement of sociocultural adaptation. in *International Journal of Intercultural Relations*, 23(4), 659–677. doi: [10.1016/S0147-1767\(99\)00014-0](https://doi.org/10.1016/S0147-1767(99)00014-0)
- Ward, C., & Kennedy, A. (1994). Acculturation strategies, psychological adaptation, and sociocultural competence during cross-cultural transitions. in *International Journal of Intercultural Relations*, 18(3), 329-343. doi: [10.1016/0147-1767\(94\)90036-1](https://doi.org/10.1016/0147-1767(94)90036-1)

Wilson, J., Ward, C., & Fischer, R. (2013). Beyond culture learning theory: What can personality tell us about cultural competency?. in *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 44(6), 900-927. doi: [1177/0022022113492889](https://doi.org/10.1177/0022022113492889)

Zlobina, A., Basabe, N., Paez, D., & Furnham, A. (2006). Socio-cultural adjustment of immigrants: Universal and group-specific predictors. in *International Journal of Intercultural Relations*, 30(2), 195-211. doi: [10.1016/j.ijintrel.2005.07.005](https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2005.07.005)